



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

OZIANE DE SOUZA PONTES

A LEITURA DO LIVRO INFANTIL NA SALA DE AULA

Guarabira - PB

2014

OZIANE DE SOUZA PONTES.

## A LEITURA DO LIVRO INFANTIL NA SALA DE AULA

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilene Carlos do Vale Melo

Guarabira - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P8111 Pontes, Oziane de Souza

A leitura do livro infantil na sala de aula [manuscrito] : / Oziane de Souza Pontes. - 2014.  
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Marlene Carlos do Vale Melo, Departamento de  
Letras e Educação".

1. Práticas de leitura. 2. Livro infantil. 3. Incentivo a leitura  
I. Título.

21. ed. CDD 028

OZIANE DE SOUZA PONTES.

A LEITURA DO LIVRO INFANTIL NA SALA DE AULA

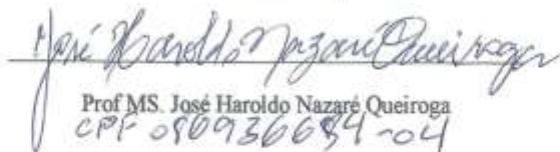
Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

Aprovada em 26 de fevereiro de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA



Profª Drª Marilene Carlos do Vale Melo  
CPF 070852904-63



Prof MS. José Haroldo Nazaré Queiroga  
CPF 080936684-04



Profª Drª Wanilda Lima Vidal de Lacerda  
CPF 025071014-34

Guarabira - PB

2014

# A LEITURA DO LIVRO INFANTIL NA SALA DE AULA

Oziane de Souza Pontes

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar que a Literatura infanto-juvenil pode ser utilizada como um instrumento capaz de incentivar o hábito da leitura entre jovens e crianças. O fundamento teórico tem como base os estudos teóricos de FREIRE, MARTINS, entre outros que tratam da questão da leitura como fundamental importância para a aquisição de conhecimentos necessários para uma boa formação. Ressaltamos que a melhor forma de estimular o hábito da leitura é através dos livros infantis, os quais contribuem para o desenvolvimento psicológico e intelectual da criança, pois se adequam a cada fase da infância, passando a atender aos seus interesses, podendo estimular o desenvolvimento de sua personalidade, passando-lhes bons ensinamentos e exemplos.

**Palavras-chave:** Leitura – Livro infantil – Crianças – Incentivo

## Introdução

Inicialmente, referimos que a concepção de leitura é muito ampla, ou seja, não se resume a apenas ler, mas sim, a ler e compreender o que foi lido. A leitura é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Dessa forma, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano como: quadro, imagem, sons, paisagens, ideias, coisas, situações reais ou imaginárias.

E num segundo momento, apresentamos como surgiu a Literatura infanto-juvenil e de que forma essas histórias conquistaram o público infantil. Tais histórias chegaram ao coração e a mente do pequeno leitor, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham, entre seus elementos, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso e o faz de conta, que fascinavam, despertavam o interesse e a curiosidade do público infantil.

Em seguida, destacamos a existência de Três níveis básicos de leitura: o sensorial, o emocional e o racional, diferenciando cada um deles, além de enfatizar que a literatura infanto-juvenil pode ser uma grande aliada para incentivar e estimular o gosto, o hábito pela leitura, especialmente entre jovens e crianças, pois o livro infantil consegue despertar seu

interesse e curiosidade, desenvolvendo o interesse pela leitura, o que contribuirá para que eles se tornem leitores ativos, capazes de compreender e analisar qualquer texto de uma forma crítica.

E, por fim, destacamos algumas maneiras de como utilizar em sala de aula os livros infantis, os quais levam em consideração o desenvolvimento psicológico e intelectual da criança, contribuindo para a construção de sua personalidade, uma vez que consegue atender às suas necessidades fundamentais, pois os assuntos escolhidos correspondem ao mundo infantil e ao seu interesse, possibilitando-lhe descobertas e, principalmente, sua entrada social e cultural no mundo dos adultos.

Em suma, este trabalho também objetiva mostrar que a literatura infantil sendo uma fonte riquíssima para a aquisição dos conhecimentos necessários para uma boa formação, pode contribuir para estimular o ato de ler, uma vez que consegue despertar o interesse e prender a atenção das crianças através do seu mundo mágico, tornando-se um meio eficaz para se adquirir o gosto da leitura,

### **A importância do ato de ler**

Geralmente o ato da leitura está relacionado com a formação global de cada indivíduo, o que irá capacitá-lo para o convívio e atuações sociais, política, econômica e cultural, possibilitando ao cidadão integrar-se à sociedade de forma atuante.

Anteriormente, a leitura esteve diretamente relacionada ao ato de ler textos escritos, os quais só tinham acesso pessoas de alto poder aquisitivo, devido seu alto custo. Por esse motivo, a classe popular não tinha condições de adquirir tais textos, o que limitava a leitura à escola, onde a grande maioria aprendia a ler e a escrever, e onde muitos tinham sua única oportunidade de ter contato com os livros.

Sem dúvida, a concepção que liga o hábito de leitura apenas aos livros deve-se à influência do sistema educacional. Mas a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele, assim como afirma Freire (2001, p.44) “*a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele*”. Essa afirmação nos remete a Kock (2006), quando diz que a leitura de um texto exige bem mais do que o conhecimento linguístico, mas deve-se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor. Dessa forma, o leitor deixa de ser um mero decodificador ou receptor passivo passando a assumir um papel atuante.

Durante muito tempo, o ato da leitura se restringia a decodificar a palavra escrita, de saber ler e escrever. Mas, para Martins (2003), isso não é suficiente, é necessário que haja compreensão do que foi lido, e para que isso ocorra, devemos levar em consideração o nosso contexto pessoal, pois é através dos conhecimentos adquiridos no decorrer de nossas vidas que poderemos fazer qualquer tipo de leitura. Assim ela diz:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade Impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. (Martins, 2003, p.17).

A noção de leitura é muito ampla. Mesmo sabendo decifrar as palavras, não significa que sabemos ler, porque se não há entendimento, os sinais gráficos parecem vazios, não nos dizem nada, pois não se aproximam da nossa realidade, e a partir do momento, que esses símbolos estão relacionados com a nossa experiência de vida, eles tomam forma, começam a ter sentido facilitando a nossa compreensão.

E a tendência natural é ignorá-las ou rejeitá-las como nada tendo a ver com a gente. Se o texto é visual, ficamos cegos a ele, ainda que nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Se é sonoro, surdos. Quer dizer: não lemos, não o compreendemos, impossível dar-lhe sentido porque ele diz muito pouco ou nada para nós. (Martins, 2003, p.10).

Provavelmente, essa é a razão pela qual há o desinteresse pela leitura por grande parte de crianças e dos jovens, pois o que lhes é oferecido para ler não lhes diz nada, está distante da realidade de seus leitores, o que conseqüentemente, provoca a rejeição pela leitura.

A leitura é um dos meios mais importantes para a construção de novas aprendizagens, possibilita o fortalecimento de ideias e ações, permite ampliar conhecimentos e adquirir novos conhecimentos gerais e específicos, possibilitando a ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações, a análise e a crítica de textos e a síntese de estudos realizados. É algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através da leitura que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Com a leitura, o leitor desperta para novos aspectos da vida em que ainda não tinha pensado; desperta para o mundo real e para o entendimento do outro ser. Assim os seus horizontes são ampliados.

Segundo Freire (2001, p.11), “*a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto*”. Tal ênfase nos lembra a leitura como sendo um processo que a criança vai desenvolvendo no decorrer de sua

vida, em todas as suas fases. E, na vida escolar, não poderia ser diferente, pois na medida em que o educando vai se familiarizando com as letras, ele vai desenvolvendo a aptidão para a leitura, contanto, que a mesma esteja relacionada com o conhecimento pessoal de cada aluno.

Freire (1981, p.79), ainda afirma que, “*ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo*”, ou seja, o aprendizado é algo solitário que se desencadeia e se desenvolve na convivência com as pessoas e com o mundo, mas precisamos da orientação, do auxílio de pais e professores, para aprender e compreender o processo de leitura. A função do educador não é precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, de acordo com seus interesses, necessidades e exigências que a realidade lhe apresenta. Concordando com esta postura temos o seguinte enunciado de Lajolo.

“Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler a medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. ( 2004, p. 7).

Deste modo, fica claro que, quando a criança começa a ter o primeiro contato com a escola ela já entra dominando um código, a fala, o qual se aperfeiçoará de acordo com o seu desenvolvimento e o contato que ela terá com as pessoas do seu contexto.

Quanto mais cedo se iniciar o processo de aprendizagem de leitura, mais chances haverá de se formar um cidadão crítico que não abandonará o hábito de ler. A criança que sempre tiver em seu alcance livros e souber lê-los e manuseá-los corretamente, dificilmente irá procurar resumos de obras literárias. E quando crescer saberá distinguir uma leitura boa de uma de má qualidade, e, conseqüentemente, aprimorará seu desenvolvimento na escrita.

## **O Livro Infantil**

Uma vez alfabetizada, a maioria das pessoas se acomodam limitando-se à leitura, mesmo sabendo que ler significa inteirar-se do mundo, conquistando sua autonomia. Isso acontece porque existe o mito de que só conseguem criar e compreender a linguagem artística pessoas cultas. Isso deve ser modificado. Para tanto, é necessário que o hábito da leitura seja estimulado desde cedo, ainda criança, e a melhor forma de estimular a leitura entre jovens e crianças é através dos textos da Literatura infanto-juvenil.

A Literatura Infantil tem em suas origens um marco incerto, pois há muitas contradições a seu respeito. Porém, encontram-se dados direcionados ao seu surgimento nos



finais do século XVII (1699), através de Fénelon, que escreveu o “Tratado de educação dos filhos”, procurando diversificar as leituras tradicionais, inspirado na mitologia, lendas da Antiguidade e tradição popular. Foi nesse século que houve uma reorganização do ensino e de fundação do sistema educacional, uma vez que, anteriormente as crianças eram vistas como adultos em miniatura, e, além disso, não existiam livros, nem histórias adequadas à sua faixa etária, ou seja, não existia nada que pudesse ser chamado de Literatura Infantil. Pela primeira vez, a criança tinha um livro direcionado à sua pessoa, mesmo sendo com finalidade didática.

Mas foi no século XVIII, com a ascensão da burguesia, que a criança passou a ser vista com um novo olhar, e, através de Rousseau, a Educação infantil ocorreu com a finalidade dentro da sua vida e da experiência. Assim, surgiram novas concepções direcionando a literatura e conquistando o mundo infantil. Foi a partir deste século, que a criança passou a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, por isso, deveria receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. Os livros infantis contribuíram para que isso se concretizasse.

Até o começo do século XIX, as obras infantis apresentavam uma feição didática e moral, mas depois que Froëbel apresentou sua reforma educacional que visava aos interesses da criança, a literatura passou a apresentar um caráter recreativo, com o propósito de despertar o interesse das crianças. Para isso, os autores utilizaram uma nova fórmula, a qual introduzia nos contos infantis, o elemento encantado, o fantástico, o maravilhoso e o faz de conta, elementos estes, resgatados dos contos de fadas e dos contos de ficção do passado. Foi na segunda metade do século XIX, que surgiu a Literatura Infantil propriamente dita, e, muitos dos contos que surgiram nessa época, são hoje considerados como clássicos da Literatura Infantil.

A literatura realmente voltada para o lazer e entretenimento das crianças só veio a acontecer, de fato, a partir do século XX. Antes, o que se constatava eram escritos que traziam regras e ensinamentos, doutrinas, leituras que não mexiam com a imaginação das crianças, sendo muitas vezes livros relacionados exclusivamente às práticas educativas.

Em meados do século XX, livros que influenciavam o imaginário das crianças começaram a surgir, trazendo temas relacionados ao maravilhoso, ao mágico, relatando assim, histórias que faziam com que a criança reafirmasse seu estilo de leitura e, ao mesmo tempo, viajassem nas aventuras abordadas nos livros.

O conceito de Literatura Infantil tem se modificado ao longo dos tempos. De acordo com Drummond (1992), a Literatura Infantil é uma mensagem de arte, beleza e emoção direcionada, principalmente, para as crianças, o que não impede de agradar também

os adultos. Segundo Sousa (1980, p.14), “*a literatura infantil deve responder às exigências psicológicas [das crianças] durante seu processo de conhecer e aprender, que se ajustam ao passo de evolução mental, e, em especial, a determinados poderes intelectuais*”. E hoje, baseando-se na concepção apresentada por Coelho (2000) a Literatura Infantil é um fenômeno de criatividade e representa o mundo, o homem, a vida através da palavra, sendo capaz de fundir os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. Por ser destinada a um público em desenvolvimento, como o infantil, deve priorizar a criação de livros que despertem a imaginação, a criatividade e, principalmente, a emancipação do leitor.

Diferentemente do que se pensa, muitas das estórias destinadas às crianças não foram escritas inicialmente para elas, e muito menos para transmitir princípios morais. Eles eram uma forma de entretenimento para adultos, isso explicaria o fato de que, a princípio, em sua forma original, os textos traziam doses fortes de adultério, incesto, estupro e mortes hediondas. Nem mesmo os contos de Perrault e os de Grimm, os primeiros a darem uma significação perfeita à Literatura Infantil, foram, originalmente, inventados por crianças ou para crianças, mas com o tempo, essas estórias sofreram alterações e, através dessas transformações, se difundiram no meio popular atingindo o público infantil, assim como afirma Lourenço Filho (in Boletim, nº 30).

[...] as narrativas mágicas, fábulas e lendas eram escritas para adultos, e que a literatura escrita em suas expressões adequadas à infância é relativamente recente. Se de um lado, muitas obras, originalmente compostas para adultos, se adaptaram à literatura infantil, por outro lado, deve-se reconhecer, também, que um gênero específico de ‘literatura infantil’ existe, está assim hoje claramente conceituado e deverá ter tratamento específico por parte de autores, que a ele se dediquem, mediante preparação especial, quer do ponto de vista literário, quer do de maior conhecimento da vida infantil.

Com base nisso, fica evidente a importância da Literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança, pois com o auxílio desses textos, a leitura pode se tornar mais agradável, estimulando, dessa forma, o hábito da leitura entre crianças e adolescentes.

## **O Livro Infantil e os tipos de Leitura**

De acordo com Martins (2003), a partir do momento que nos propomos a pensar o ato de ler, podemos perceber três níveis básicos de leitura: o sensorial, e emocional e o racional.

É através da leitura sensorial que damos os primeiros passos para aprender a ler, ainda criança, pois, segundo Martins (2003), quando sentimos “*o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço*” (p.11). Isto implica dizer que, é através dos nossos sentidos que começamos a compreender e a dar sentido a tudo que nos rodeia. Esta leitura começa muito cedo e nos acompanha pelo resto da vida. Para muitos adultos, e principalmente crianças não alfabetizadas, essa é a leitura que conta, pois ao ser apresentadas ao livro, o que lhes chamará a atenção será a sua aparência, o seu formato e, especialmente, as imagens coloridas. Os livros infantis se utilizam da leitura sensorial para impressionar as crianças, pois mesmo sem saber ler, elas conseguem fazer sua própria leitura através das ilustrações, as quais estimulam a criatividade e a imaginação das crianças.

Num primeiro momento, o que se conta é a impressão em nossos sentidos e, se estiverem ligados às emoções, podem nos surpreender, de acordo com Martins (2003, p.48), “*uma leitura – seja do que for – nos faz ficar alegres ou deprimidos, desperta a curiosidade, estimula a fantasia, provoca descoberta, lembranças – aí então deixamos de ler apenas com os sentidos para entrar em outro nível de leitura – o emocional.*”.

Esse tipo de leitura consegue mexer com nossos sentimentos. Percebemos isso quando nos emocionamos com cenas e situações encontradas durante a leitura de um romance, de um filme ou de uma canção, as quais se tornam referência de um período especial de nossas vidas. É exatamente isso, o que acontece quando uma criança lê uma estória infantil, pois a literatura infanto-juvenil lhe oferece um mundo mágico com facilidade de compreensão, diversão, diversidade em personagens, sendo capaz de envolvê-la, de tal forma com a estória lida, que ela se sente como se fizesse parte dela. E esse jogo com o universo escondido num livro vai estimulando a criança à descoberta e aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo.

E, por fim, a leitura racional, agora estamos no “*âmbito do status letrado*”. É a leitura reflexiva, crítica, assim como afirma Martins (2003, p.66).

[...] a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social.

Nesse nível de leitura, conseguimos dar sentido a expressões formais, simbólicas, representativas ou não, seja através da palavra, do gesto, do som ou da imagem, ou seja, nos torna capazes de produzir e compreender os diversos tipos de linguagem, sem que haja o envolvimento pessoal, por parte do leitor. Esta capacidade está relacionada, em princípio, com aptidão para ler a própria realidade individual e social.

Ressaltamos que os dois primeiros tipos de leitura, o sensorial e o emocional, devem ser utilizados para estimular o gosto e o hábito da leitura juvenil. Posteriormente, quando eles já tiverem adquirido o gosto pela leitura é que devemos indicar os grandes clássicos da literatura brasileira, e através da leitura racional, torná-los leitores críticos capazes de se posicionar e de defender seu ponto de vista de forma coerente, atendendo às necessidades da sociedade.

Ao entrar na escola, a criança já possui uma língua bem definida – a língua materna. A partir desta, consegue se comunicar e expressar seus sentimentos e vontades, contudo ela não consegue decodificar as letras e assim fazer a leitura da palavra e, também não conhece a linguagem formal e, é justamente neste ponto que a escola dedica mais atenção e esquece que quando o aluno chega à escola ele já traz um conhecimento de mundo e consegue lê-lo como afirma Freire (2001, p.36-37).

Há muita gente que está profundamente iludida quando pensa que uma criança, que vai se alfabetizar, não lê. Ela não lê a palavra mas, lê o mundo. O processo da sua alfabetização se dará na medida que a leitura da palavra se insira na leitura do mundo e continue a estimular a continuidade da leitura do mundo.

Deste modo, fica explícito que o processo de leitura não tem início na escola, mas sim, desde o nosso nascimento. A leitura da palavra complementa a leitura que temos e fazemos do mundo. Por isso, o educador deve compreender que a leitura vai muito além da palavra, ela parte também dos sentidos e percepções das crianças e deve ser trabalhada desde a educação infantil, quando a criança ainda não faz a leitura da palavra e, isso pode ser feito através de diversas maneiras, e, uma delas, é a prática de ler histórias que, traz um grande aprendizado quando é utilizada desde cedo como afirma Teberosky & Colomer (2003, p.25).

[...] muitos estudos mostram que uma leitura diária e um começo precoce, no segundo ano de vida, permitem às crianças um contato com a linguagem formal dos livros e com o texto escrito que as motiva a aprender, ao mesmo tempo em que condiciona suas aprendizagens posteriores.

Sendo assim, fica claro a importância e o benefício que a contação de histórias traz ao desenvolvimento do educando, podendo, condicionar aprendizagens posteriores além de despertar no aluno o gosto pela leitura e auxiliar na formação de um sujeito mais crítico.

O espaço físico da escola é uma questão importante no desenvolvimento do processo de leitura na educação infantil, pois um ambiente que não apresenta interação ou incentivos que despertem a prática de leitura não auxilia no desenvolvimento do educando, deixando-o cada vez mais distante da relação com a leitura. Construir um espaço atrativo, organizado e interativo convida e incentiva o aluno a se aproximar cada vez mais do ato de ler, como coloca Rangel (2007, p.73) em relação à definição de espaço para leitura:

Traduz uma série de convenções e contratos que instituem e/ou modificam as práticas discursivas reveladoras de símbolos estéticos, culturais e ideológicos, auxiliando a compreensão da leitura neste ambiente, organizado disciplinarmente em conteúdos e valores que tecem a relação do aluno com o ato de ler, de forma não ingênua.

Certificamos, assim, o quanto o ambiente influi na relação do aluno com o ato de ler, principalmente na educação infantil, que é o momento em que a maioria dos alunos tem o primeiro contato direto com a leitura através da figura do professor. E esse primeiro encontro pode definir o gosto ou não do educando pela leitura.

Para Antunes (2003), não é necessário haver cobrança por parte dos educadores no início da prática de leitura, pois isso transformaria o ato de ler numa *“atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em um momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras ‘cobranças’...”* (p.58). O objetivo maior é desenvolver o gosto pela leitura. Não havendo necessidade de avaliação quantitativa das leituras realizadas pelos educandos.

O importante, enfatiza o autor, é que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler e não em razão da cobrança do professor ou da escola. Para que isso ocorra, todavia, deve haver uma relação de confiança entre educador e educando. O professor deve sempre incentivar e elogiar, como também sugerir leituras prazerosas que motivem o maior número possível de alunos.

Para haver maior interesse da criança pela leitura, faz-se necessário a utilização de textos que sejam atrativo para ela, como também deve haver a presença de um mediador, pais ou professores, para desenvolver e estimular o hábito da leitura. De acordo com Terzi (2002, p.43).

A exposição constate da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre estórias em si, sobre tópicos de estórias, estrutura textual e

sobre a escrita. Ouvir discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre a linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita e resumir a estória e fazer inferências.

Mesmo em um momento onde a criança não sabe fazer a leitura da palavra, que é a educação infantil, é preciso que ela tenha contato com a leitura na sala de aula, através do professor para que, a partir da leitura que tem do mundo, possa evoluir mais tarde para a leitura da palavra. Quando a prática de ler começa desde cedo o aprendizado futuro pode tornar-se mais produtivo, fazendo com que o educando reconheça um texto narrativo, exercite a atenção além de adquirir conceitos e, o mais importante passa a ter uma relação mais íntima com o ato de ler.

Muitos estudos e pesquisas têm evidenciado a importância das atividades literárias diferenciadas no contexto educacional para o bom desempenho da criança. A utilização da literatura como recurso pedagógico pode ser enriquecida e potencializada pela qualidade das intervenções do educador.

Nesse contexto, o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e, a partir daí, escolher um trabalho ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar.

Acredita-se, assim, que a proposta de atividades variadas é de grande valor para o processo de construção da autonomia e desenvolvimento da criança em formação.

Com base nisso, fica claro que, os professores têm um papel muito importante na educação dos alunos, o de orientá-los, incentivá-los e ensiná-los valores que favoreçam um melhor relacionamento entre os membros da sociedade, ajudando na escolha de textos para a leitura em casa e que podem ser discutidas na escola, junto aos professores e colegas.

Com esse tipo de trabalho, o professor visa colaborar para a valorização da literatura infantil como forma de estimular a leitura entre crianças, que, conseqüentemente, vão adquirindo o hábito pela leitura, tornando-se leitores críticos capazes de expor seus pontos de vista sobre os fatos e acontecimentos ocorrentes no mundo, e, de certa forma, formulando meios para a sua resolução.

## **O Livro Infantil em sala de aula**

A Literatura Infantil é como uma manifestação de sentimentos e palavras, que conduz a criança ao desenvolvimento do seu intelecto, da personalidade, satisfazendo suas

necessidades e aumentando sua capacidade crítica. Esta literatura, como já foi expressa, tem o poder de estimular e suscitar o imaginário, de responder as dúvidas do indivíduo em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para solucionar questões e instigar a curiosidade do leitor. Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer.

É através de um conto ou de uma história, que a criança pode conhecer coisas novas, para que efetivamente sejam iniciados a construção da linguagem, da oralidade, ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal.

Um dos papéis fundamentais da escola é oferecer para as crianças a oportunidade de conhecer o mundo encantado dos livros, através dos clássicos infantis, contos, lendas, anedotas, quadrinhos, dentre vários outros. Para isso, é fundamental que o professor se torne um elemento de ligação entre os alunos e os livros, ao mundo do faz-de-conta, pois estes ampliam o potencial imaginativo da criança, tornando-a mais criativa. Assim, é importante levar para as crianças uma história clássica do universo infantil: “Cinderela”, “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho” ou outra história de sua preferência.

Para contar a história, o professor, pode utilizar diferentes recursos: fantoches, leitura da história com o livro, dramatização (para a dramatização da história você precisará da ajuda de alguns colegas de trabalho), projeção em slides, teatro com varetas, colocar a história narrada para as crianças ouvirem, ou outro recurso que preferir. No caso dessa aula, fizemos uso de fantoches.

Na faixa etária (entre 4 a 12 anos), as crianças adoram representar, por isso, devem ser convidadas a escolher uma história para representarem, por exemplo, a história da “Branca de neve e os sete anões”. A partir da escolha da história, passar, então, para a escolha de quem irá representar cada personagem. Esse momento é bastante rico, pois junto com as opções das crianças aparecem conflitos que merecem atenção do professor. As escolhas são feitas de acordo com referências, valores e desejos afetivo-emocionais vividos na família, na escola e na sociedade. Nessa aula, podem ser trabalhadas questões ainda relacionadas à democracia por meio da votação da turma para decidir os personagens, pois, provavelmente, mais de uma criança optará pelo mesmo personagem.

Antes de iniciarmos os ensaios da peça, temos que fazer algumas atividades que levem as crianças a compreenderem como a linguagem corporal é importante em todos os momentos da representação teatral. Dividir a classe em grupos e peça que cada um faça uma cena de quatro minutos usando apenas a linguagem corporal para comunicar onde estão, quem são e o que estão fazendo. Eles devem planejar o tamanho do lugar, os objetos imaginários a serem usados, o que farão com eles e como será a interação entre os participantes; fazer

perguntas que levem todos a pensar em gestos que tenham um propósito comunicativo claro. Enquanto um grupo atua, os demais observam.

Depois que as crianças entenderem o onde (o lugar), o quem (os personagens) e o quê (ação), levá-las para assistir a uma peça e, caso não seja possível, ver uma apresentação em DVD da história escolhida, como se estivessem em um cinema. Depois, pergunte se elas conseguem identificar os três elementos. Nessa hora, sistematizar o conhecimento e dizer que o onde pode ser chamado de cenário, assim como o quem é o personagem e o que é a ação dramática que se desenvolve.

Então, começam os ensaios com as crianças e, decidir o que será preciso para construir o cenário. É importante que elas busquem alternativas para a construção do cenário com materiais que tenham em sala, e que montem e desmontem a organização do espaço. Depois disso, construir com elas, passo a passo, todas as partes do cenário para o dia da apresentação. Essas atividades terão desdobramentos, pois quase tudo poderá ser feito com as crianças (o castelo da bruxa, a casinha dos anões, o cavalo do príncipe, as roupas do figurino). Reservar sempre um tempinho para os ensaios.

Fazer atividades de registro que explorem a leitura e a escrita com os nomes dos personagens, nome da história. Logo após todos os trabalhos realizados em sala de aula, o educador pedirá para as crianças desenharem a personagem ou modelá-las com massinha. Também junto com o professor irão confeccionar cartazes, panfletos etc. os quais ficarão expostos na escola. Explorar, ainda, o desenho com as ilustrações dos convites para os colegas de outras turmas, outros professores, e profissionais da escola e para os pais. Depois disso, é só esperar o dia da apresentação.

É importante ter o hábito de ler histórias em sala para e com as crianças e também compreender como a linguagem teatral pode contribuir para o seu desenvolvimento. É importante ainda, oportunizar situações em que as crianças sejam o centro do trabalho educativo e a linguagem teatral é uma ótima aliada nesse trabalho. Como nos ensina Vigotsky (2009), as crianças externalizam sua compreensão acerca do meio em que vivem – sociedade, família, escola, amigos etc. – por meio da imitação criativa. Nesses momentos, podem experimentar o lugar de mãe, vizinha, irmão, pai, madrasta, assim como atos morais de heroísmo, coragem, medo, tristeza, alegria, dor etc., e reorganizar suas compreensões e impressões acerca desses elementos. Ao vivenciar esses “lugares” e reorganizar suas impressões, podem ter afloradas novas compreensões, só que agora um tanto mais elaboradas e, assim, sucessivamente poderão vivenciar situações, por força do instinto e da imaginação



que os ambientes cotidianos da vida não lhes apresentam. Portanto, fazer uso da linguagem teatral e da imaginação das crianças no dia a dia da sala de aula, torna-se um momento prazeroso e importante no desenvolvimento das crianças.

Outra forma, considerável, de se incentivar a leitura é levar os alunos a fazerem uma visita semanal à biblioteca da escola, tendo estes o direito de livre escolha dos livros. É bom que o professor determine um tempo para ficarem no local; um horário de trinta minutos, por exemplo, para fazer a leitura de vários textos. Voltando para a sala de aula, cada aluno poderá fazer um desenho ou um resumo, a fim de registrar e demonstrar o que foi lido, bem como a forma que compreendeu a história.

Das atividades que o professor pode desenvolver com o Livro Infantil em sala de aula estão: roda de leitura, leitura compartilhada, reconto oral, projeto de leitura envolvendo a família, leitura dramatizada, ciranda da leitura e momentos de leitura individual. Para motivar os alunos, os professores devem procurar diversificar os meios de leitura, oportunizando a fala do aluno, desenvolvendo pesquisas na internet, utilizando a leitura e escrita como função social, colocando os livros à disposição do aluno – cantinho da leitura e a caixa mágica, fazendo associações com filmes, criando suspense e antecipando parte da história ou do texto.

Existem várias formas de incentivar a criança a gostar de ler, bem como criar o hábito de leitura em sala de aula. Ser um bom contador de histórias é uma dessas formas, pois as crianças se encantam com o professor, com a entonação de sua voz, os gestos que faz, as caras e bocas, os risos ou choros, enfim, tudo aquilo que traz emoção para o momento. E mais tarde tentam imitá-lo agindo da mesma forma.

Essas e tantas outras estratégias e técnicas de leitura contribuem imensamente para que a mesma não se torne uma atividade enfadonha, mas sim prazerosa, onde as construções da opinião crítica e da escrita fluirão, naturalmente.

Importa destacar que outras atividades existem e que a criatividade e planejamento do professor são o ponto-chave da aquisição da leitura pelo aluno, de forma segura, consciente, crítica e prazerosa.

Entretanto, a leitura não deve ser somente para o prazer, mas com o objetivo de promover a capacidade reflexiva e crítica, o que acontece quando o professor abre espaço para discussões após a mesma, dando oportunidade dos alunos darem suas opiniões, elogiando ou não o livro, repensando suas ideias acerca do tema abordado, ou até mesmo mudando o final da história.

Leituras coletivas ou em pequenos grupos, silenciosa ou em voz alta pelo aluno ou professor, apresentar às crianças uma variedade de histórias, ler contos de fadas que

apresentem diferentes versões, personagens ou finais diferentes podem estimular comparações por parte das crianças, facilitando o pensamento intuitivo e imaginativo, criar um “Cantinho da Leitura” em sala de aula com prateleiras à altura das crianças.

Brincar com teatro, fantasias, buscando a representação dos textos lidos também é uma excelente forma de incentivar a leitura, pois o aluno percebe que para simular precisa ter um texto, uma história em mente. Além disso, o teatro é uma forma prazerosa de se aprender, promove descontração e muita troca de conhecimento. E não precisam fazer a representação apenas de histórias, mas de filmes, conteúdos de outras disciplinas, fatos do cotidiano, etc.

Para motivar os alunos, os professores devem diversificar os meios de leitura, oportunizando a fala ao aluno, desenvolvendo pesquisas na Internet, utilizando a leitura e escrita como função social, colocando os livros à disposição do aluno - cantinho da leitura e a caixa mágica, fazendo associações com filmes, criando suspense e antecipando parte da história ou do texto.

A ausência de incentivo à leitura, tanto em casa, como na escola, não permite que a criança desenvolva sua capacidade de imaginação e criatividade. O aluno vindo da Educação Infantil, ao chegar às séries iniciais, deve ter o hábito de ler, mesmo sem saber ler convencionalmente e isto acontece com a leitura feita de maneira rotineira, pelo professor, que utiliza estratégias de leitura de forma criativa e estimulante. Com esta prática amplia-se o conhecimento, a busca incessante pelas informações e, conseqüentemente, outras competências se desenvolvem de forma natural, como o senso crítico para questionar, entender e fazer entender a sua realidade e realidade do mundo em que ele está inserido e, desta forma, formando-se um aluno ativo e crítico.

O importante é que a escola abra espaço para esse tipo de trabalho e que os professores incentive-os sempre, visando ao aumento do vocabulário, a riqueza de ideias, a desinibição, a constituir uma fala desenvolta e a ficar mais próximos dos acontecimentos sociais.

## **Considerações Finais**

Através deste trabalho, tivemos a oportunidade de ponderar sobre alguns de muitos aspectos que envolvem o desenvolvimento da leitura. Entendemos que o tema abordado é de grande complexidade, pois estamos cientes de que o mesmo não se esgota por aqui e compreendemos, também, que a aprendizagem da leitura não se limita ao exercício de

grafias, mas que se perpetua como caminho para novas reflexões sobre a própria linguagem por práticas sociais de leitura.

Vivemos em um mundo onde todas as pessoas precisam estar fazendo constantes leituras, seja para aquisição de conhecimento, seja para o puro prazer do leitor. Na realidade, não importa se são leituras de escrita, de pessoas, de desenhos ou qualquer tipo de objeto, uma vez que, em nosso cotidiano, lemos sobre tudo o que nos cerca.

O prazer pela leitura nos permite conhecer novas realidades, como também, usufruir de experiências vivenciadas por outras pessoas. É através da leitura que crescemos no conhecimento, propiciando o prazer contínuo pelo ato de ler e o poder de argumentar sobre os mais variados assuntos. Por esse motivo, devemos estimular e incentivar nas crianças o hábito da leitura, uma vez que, fica mais difícil se adquirir o gosto pela leitura quando adultos, daí a importância da literatura infanto-juvenil, pois ela oferece a criança um mundo mágico, fantástico, com o qual ela fica fascinada e o que serve de estímulo para o ato da leitura.

Por essa razão, é tão importante que as crianças tenham contato com os livros infantis, pois através deles elas ampliam seu conhecimento, mas deve-se deixar claro que, as crianças só passam a prestar atenção às palavras quando começam a fazer sentido no texto, buscando, neste, indícios de conhecimento que já possuem. É através de sucessivas leituras que a criança torna-se cada vez mais apta para ler os mais variados tipos de textos, sabendo que no início de sua vida escolar o vocabulário que lhe é exposto deve se adequar à sua faixa etária, começando com palavras mais simples, até a leitura de palavras ou textos mais complexos.

Daí a importância da presença do livro infantil entre jovens e crianças, pois através deles é possível estimular o gosto, o hábito e o prazer da leitura, estabelecendo, dessa forma, um diálogo entre o leitor e o texto, adotando assim, uma postura investigativa, que deve ser estimulada pelos professores, com a utilização da literatura infanto-juvenil, afim de que eles se tornem capazes de interpretar, analisar e questionar qualquer tipo de texto. Mas para que isso aconteça, devemos trazer o cotidiano do aluno para a sala de aula, ou seja, valorizando os conhecimentos e a cultura que todos já possuem, tornando dessa forma, a aprendizagem mais prazerosa.

Portanto, quanto mais cedo a criança tiver essa relação próxima com os livros, mais cedo ela perceberá a importância e o prazer que a leitura produz, e maior será a possibilidade dela tornar-se um leitor competente. Isso porque, através da leitura, a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente importante à sua formação cognitiva,

pois, quando a criança ouve ou lê uma história, essa ação possibilita que perceba, interprete, questione, duvide e discuta sobre ela.

Assim, a influência e o incentivo de pais e professores em relação à literatura infanto-juvenil são de fundamental importância para que haja uma maior aceitabilidade dos alunos, em relação à literatura, levando, conseqüentemente, ao educando um conhecimento social e crítico de seu meio, além da conscientização de sua responsabilidade como cidadão e formação de sua identidade no meio social e familiar.

Despertar o interesse e o hábito pela leitura é um processo contínuo que deve começar muito cedo, em casa, e aperfeiçoa-se na escola. Quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros ou outros meios que proporcione a leitura de uma maneira prazerosa, maior será a possibilidade dela tornar-se um adulto leitor.

Daí a importância desta pesquisa para fazer reflexões sobre as questões relacionadas à leitura entre os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, visto que ainda há uma grande defasagem de leitores comprometidos e estimulados nas salas de aula. Geralmente, a escola responsabiliza o aluno e suas condições familiares pela falta de interesse e não assume como sua a tarefa de incentivar o exercício da leitura. Nesse sentido, se torna pertinente discutir algumas condições importantes que precisam ser garantidas para cultivar a motivação dos alunos pela leitura.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “*Literatura infantil*” in **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, Obra Completa, 1992.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ARROYO, Leonardo. **História de literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

CADEMAROT, Antônio. *Direito à literatura*. In **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. História, teoria e análise. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2000.

KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2004.

LOURENÇO FILHO, “*Como aperfeiçoar a literatura infantil*”. In **Artigos e opiniões**. Boletim da FNLIJ, nº 30, p.5.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. *Tempos e espaços de leitura nas escolas*. In **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. 2ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SOUSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1980.

TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Teresa. *A prática de ler histórias*. In **Aprender a ler e a escrever: Uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

VIGOSTKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.